

CIRCE

Zenão

ODILON MACHADO JÚNIOR

1º ano da Faculdade de Direito da UFMG.

Mais conhecida por Siá Veneno. Jorge Turco, marido por ocasião, dizem envenenado, no déo e no cadinho, que os dias devotos do mal duram muito mais. Há o tempo.

Não que tenha lavrado público desatino, à vizinhança encomendado em olhar vêsgo e visgo. Acharam de a desviar, por bem ou pelo mal nela tão visível, segunda sombra.

Lurdes, como não atendiam por ela. A história, já devia ser do esquecimento, tanto a propósito descambado para o impossível, mesmo para o possível, em se tratando de quem. Dito:

Môça, ainda, forçada por rogos da mãe e paterno desmando, a casar. Se bem com qual: Jorge, por golpes de sorte e astúcia, rico. Turco. Fêz-se, sem depender dela.

Onde agora dispõe-se, em desfechos.

Casada, envelheceu de beleza, as tristezas de mulher se contam mais por fora, os ombros escondidos entre os cabelos, na desventura. Foi que aprendeu.

O tempo estava de chuvas, ela sem vigiar, na janela, escutando. Dorcina, indo e vindo, jogando palha de Ramos no fogo, no lamento cantando, que o filho Rosarino ia atravessar a boiada, o rio da Prata nas águas mais rebôjo, quantos roda-

ram. Dorcina tirou os olhos do rio, por breve espiou Lourdes e a disse coitada. Preta e velha, acolhida só pelo filho, os outros apontavam a bruxa.

Lurdes deu entender, consolou também. Dorcina resolveu. Disse “minha filha”, ensinou rezas e poção, diversas. Um para o bem, maioria destinada a forçar caminho, entre os contrários do sim e do não.

Lurdes por resoluções, estancou resto de mocidade, prêsa de vez, nas rugas e na vingança. Apreendeu.

Daí, um passo. Jorge virou de gordo para o bagaço, de doença adquirida, no jantar e no viver enrolado por constante e infalível bote, segundo Dorcina. Mal olhou, não soube. Morreu, devido.

Por diante, Siá Veneno se trancou, em quantas portas e janelas, mas o mistério se coa, mediante os olhos, supondo certezas.

Julgada e mal dita dia-a-dia, não como reles, mas assenhorada de muito mal, invencida, gerindo podêres no circunscrito segredo da casa.

Necessária, se fazendo, útil mesmo, para explicação de quebranto ou qualquer data de pesar, haja vista a súbita morte de Davi Bartolo, prefeito, decerto por não querer e não mandar calçar o resto da rua, onde emergia de funduras, a casa tal.

Por ela, fôsse o que se dava. Só lembrava. Houvera João, fraco irresoluto, em mêdos se apalpando, quando soube do impôsto rival, Jorge. Mas ela tinha pressa, amou mesmo aquêle, que noiva já era, por moldes de exatas conversas.

Ao que deva restar.

Diz que. Saiu com a madrugada, ou na meia-noite, que é a hora. Alguém viu.

Ia linda. Só se sabe.